

Tesouro do Museu de Arte apodrece em uma salinha

JORNAL DE BRASÍLIA

18 AGO 1999

Quadros e esculturas de artistas famosos estão empilhados num cubículo do Teatro Nacional, cobertos de poeira e mofo

Obras raras de Tarsila do Amaral, Volpi, Tomie Ohtake, Athos Bulcão e João Câmara - entre outros mestres pintores e escultores brasileiros e estrangeiros - estão empilhadas umas sobre outras, deteriorando-se em um cubículo mal iluminado e com mofo no teto. A cena pode ser vista no subsolo do Teatro Nacional. Lá está confinado o acervo do Museu de Arte de

Brasília (MAB), avaliado em nada menos de US\$ 8 milhões.

São cerca de 1.100 obras, inclusive réplicas de quadros de Monet e Van Gogh, que estão mal acondicionadas desde 97, quando o governo decidiu pela reforma do prédio do MAB, próximo à Concha Acústica do Lago Paranoá. Só que as obras não prosseguiram. Os quadros e as esculturas continuaram nos porões do Teatro Nacional. Até a embalagem - de papelão e plástico - das peças pode estar comprometendo o trabalho dos artistas.

Tem quadro que está desembrulhado, coberto de poeira e rasgado. É o caso de uma obra sem título de Tomie Ohtake, avaliada em R\$ 35 mil. "Alguns vão precisar passar por um processo de restauração", prevê o diretor do MAB, Cláudio

Pereira. Ele diz que o mais preocupante é que o local onde estão as obras, além de mal iluminado, não tem temperatura adequada para abrigar as peças.

A umidade, que está provocando mofo no teto, também é outro agravante da pequena sala. "Pode ter até rato aí no meio", comenta Cláudio Pereira, torcendo para estar enganado. E mais: por estarem encostadas umas na outras, o peso das telas pode contribuir para arranhar ou mesmo provocar furos no material. "Vamos fazer um levantamento de todas as obras e identificar o estado de cada uma delas o mais urgente possível", afirma Pereira.

A embalagem plástica dos quadros e esculturas pode estar contribuindo para a criação de fungos. Mas o governo, por meio da Secretaria de Cultura,

garante que vai reverter a situação. No momento, a batalha é para conseguir um local adequado para recolocar, o mais breve possível, o acervo do Teatro Nacional. O problema está aí. "Em Brasília desconhecemos um prédio que seja ideal para acondicionar esse tipo de material", aponta Cláudio Pereira.

Para o MAB, construído em 85 e que hoje está apenas no papel, as obras só podem voltar se for feita ao menos uma mini-reforma. Enquanto a solução para o problema demora a chegar, a população de Brasília continua sendo privada do direito de ver de perto todas as relíquias que estragam no subsolo do Teatro Nacional.

MÁRCIA DELGADO

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA